



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**SÉRGIO PINTO RIBEIRO**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-563

**Entrevistado:** Sérgio Pinto Ribeiro

**Nascimento:** 27/05/1959

**Local da entrevista:** Hospital Moinhos de Vento, Porto Alegre, RS

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 17/06/2015

**Transcrição:** Thales dos Santos Medeiros Collar

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 26 minutos e 04 segundos

**Páginas Digitadas:** 9 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no esporte; Cubes nos quais atuou; Treinamento na natação; Índice e convocação para os Jogos Olímpicos; Participação nos Jogos Olímpicos de Montreal e Moscou; Estrutura dos jogos; Natação no Rio Grande do Sul; Distância do eixo Rio de Janeiro-São Paulo; Parada dos treinos.

Porto Alegre 17 de junho de 2015. Entrevista com Sérgio Pinto Ribeiro a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. - Sérgio, muito obrigada por conceder essa entrevista. Eu gostaria que você contasse como foi sua inserção no esporte?

S.R. - A história como de qualquer um é longa. Eu sou o quarto filho de uma família de quatro homens e os meus três irmãos mais velhos já estavam inseridos no esporte de alguma forma, todos eles na natação. Eu, como o mais jovem, fui direto para a natação, acabei não praticando outro. Meus outros irmãos experimentavam alguns outros esportes: basquete e vôlei. E eu acabei ficando mais na natação, porque não quis experimentar outros e os resultados foram aparecendo e gente vai ficando. Então foi uma influência mais familiar mesmo. A minha mãe também foi nadadora quando bem jovencinha e isso teve uma influência grande sobre nós todos, então, nós acabamos seguindo a natação e o esporte quase que naturalmente. Eu não tive a escolha de não querer fazer esporte, foi algo que fui muito estimulado dentro de casa, eu gostei e me dei bem e acabei ficando, então, é curta a história, é isso aí.

C.M. - Em que clube você treinou?

S.R. - Eu treinei no Grêmio Náutico União, isto foi toda minha vida de nadador foi no Grêmio Náutico União.

C.M. - E quando você começou a competir?

S.R. - Em termos de idade eu não lembro... Como eu falei deste sempre, eu nadei desde sempre, então, quando se começa eu lembro que teve um fator importante que eu tive um primeiro técnico de natação e eu tinha menos de dez anos de idade, que foi o Campos<sup>1</sup>, que foi digamos assim, o meu primeiro técnico. Campos foi o primeiro técnico, mas isso foi muito no iníciozinho da minha carreira. Mas o Grêmio Náutico União contratou um técnico

---

<sup>1</sup> Nome sujeito a confirmação.

americano chamado de Richard Powers, já deve ter aparecido em outras entrevistas, ele trouxe grandes inovações no Grêmio Náutico União. Ele trouxe técnicas mais modernas de treinamento, e ele fez uma seleção dentro do clube dos atletas de todas as idades e dividiam em grupos. Eu fiquei em um grupo que tinha uma boa atenção dele e ele ficou dois anos no União, e por sorte minha o assistente dele se chamava Mauri Fonseca<sup>2</sup>, então, desde lá eu tinha, em torno de 9 e 10 anos de idade, então eu já competia. E o Mauri começou a se dedicar muito a essa área, ele captou muito essas informações, essas novidades que não chegavam muito, mas hoje em dia tem internet, facilmente está adaptado, antes era só baseado em livros. Lia-se livros e tentava ficar atualizado. O Richard ficou dois anos e isso fez bastante diferença para mim. Quando o Richard saiu, o Mauri seguiu sendo meu técnico até os meus 20 anos de idade, dentro do União e fora do União. O Mauri saiu do União e eu fiquei treinando lá fora na academia dele, ele foi muito gentil em me acolher na academia dele, então até os vinte anos eu fiquei com o Mauri. Então nesse sentido que as pessoas foram importantes para mim.

C.M. - Antes dos Jogos Olímpicos quais que tu considera os principais campeonatos que você participou?

S.R. - Eu sempre participei de vários campeonatos estaduais, regionais. Na época não existiam muitos, depois começou a aparecer campeonatos brasileiros, sul-americanos, mundiais e Olimpíadas. Então eu participei de todos, tudo que tinha na época eu participei, na década de 1960. Eu parei de nadar na década de 1980, então, na década de 1970, eu participei de tudo que tinha por ai. O quê é mais importante, é a pergunta? Tudo é importante desde sempre tudo é importante, eu já fui campeão brasileiro de tal idade, eu acho que com 11anos e campeão brasileiro adulto com 14 ou 15. Então o próximo é sempre mais importante.

C.M. - E das provas que você participava era de mais ou menos 100 e 200 metros?

S.R. - 100 e 200 metros de peito, foi as provas que eu mais me identifiquei, mas com o Mauri até quando era menor eu nadava bastante medley, mas o medley saiu das

---

<sup>2</sup> Mauri Fernandes da Fonseca.

Olimpíadas, os 200 metros medley que era a minha prova boa também, saiu da Olimpíada, no meu tempo não tinha isso aí. Então nós nos dedicamos mais no peito que era o meu melhor estilo, mas eu fui campeão brasileiro de todos os estilos menos o costas. Individualmente menos costas que eu não fui campeão brasileiro, de todos outros o borboleta, o peito e o crawl, eu fui campeão brasileiro também. Mas eu me dediquei muito mais ao 100 e 200 metros e em especial os 800 metros peito que não era uma prova tão veloz e tinha um pouquinho mais de resistência, então, os 200 metros era minha prova melhor.

C.M. - Como foi sua preparação e convocação para os Jogos Olímpicos?

S.R. - Pois é, a primeira foi 1976 em Montreal<sup>3</sup>. Aquilo também foi uma consequência foi bem no ano que eu faria 17 anos ou 16 anos e eu sempre quis fazer Medicina e isso estava muito claro para mim, mas sempre me identifiquei muito com a natação eram seis horas por dia pelo menos de treinamento dentro e fora da água. Então se perdia, não se dedicava muito a isso e o estudo era meio precário, porque muito tempo treinando a gente fica cansado, etc. Então não me dedicava muito ao estudo e era justamente um ano importante, porque quem quer estudar Medicina tem que se dedicar, tem que estudar muito sempre e ainda mais no ano do vestibular. Mas era justamente no ano em que eu poderia ir para Olimpíada, eu era campeão brasileiro, eu tinha índice, eu tinha tudo para ir, era uma consequência de tudo que eu vinha fazendo antes. Daí até meus pais sentaram comigo na época: “Olha, tu quer fazer Medicina, não dá. Ou nadar ou fazer Medicina. Não dá!”. E lembrando, para deixar na parte escrita, que na época a gente não recebia dinheiro, era esporte amador mesmo, a gente não ganhava nada absolutamente de ninguém, era pelo amor à camiseta e pelos títulos potenciais que a gente ganhava, e isso não gerava nada a mais do que isso mesmo, ganhar um título. Ai meus pais sentaram comigo: “Olha, tu quer fazer Medicina...”. Agora que eu estava com tudo na mão, todo um sonho de um atleta, pelo menos de um atleta brasileiro ganhar, o sonho não é nem ganhar medalha é participar de uma Olimpíada. Então meu sonho era esse e eu tinha todas as condições de participar, sem sonho de medalha e eu digo: “Vou abrir mão de estudar para o vestibular e correndo o risco de não passar na Medicina”. E foi isso que aconteceu: fui para a Olimpíada e quando

---

<sup>3</sup> Jogos Olímpicos de Montreal.

voltei fiz o vestibular e não passei, entrei dois anos depois. Então foi uma preparação para Olimpíada, a primeira preparação foi essa, decidir que queria participar. Eu sempre fui uma pessoa que treinei muito sobre a supervisão, pela maior parte da minha vida, pelo Mauri Fonseca, a gente sempre trabalhou muito junto, eu sempre me dediquei e ele também e era quase como uma consequência. Eu já era campeão brasileiro, já era campeão sul-americano, recordista sul-americano, tinha índice para ir. Ir para Olimpíada era consequência, eu não mudei minha preparação pra isso ou para aquilo. Foi uma consequência boa de uma dedicação de muitos anos, não se consegue de um dia para outro.

C.M. - Esse período anterior da Olimpíada você estava no Grêmio Náutico União ou estava na escolhinha do Mauri?

S.R. - Grêmio Náutico União.

C.M. - E para Moscou teve alguma diferença?

S.R. - Teve uma grande diferença, de Montreal 1976. Eu como disse sempre quis fazer Medicina, e eu parei de nadar, praticamente parei de nadar e fui me dedicar a estudar, e fui estudar porque era o meu objetivo, já tinha conseguido ir a Olimpíada, eu estava feliz com o que eu tinha feito, comigo mesmo. Comecei a estudar para entrar na Medicina e isso aconteceu, a diferença foi que o Mauri veio um dia me procurar e achando que eu estava em forma mesmo sem estar treinado, disse: “Olha, acho que tu tem condição de ir para próxima Olimpíada, vamos começar a treinar de novo para ver se consegue índice para ir”. Como eu não estava treinando, eu abri mão de vários campeonatos que eu poderia ter participado, porque eu queria estudar e entrar na Medicina esse era o meu objetivo. Mas aí o Mauri acabou me convencendo, claro que aí eu me dediquei mais para os 100 metros peito, eu já não queria nadar 200 metros. O treinamento era muito diferente, eu tinha menos tempo, eu já estava na Medicina. Eu tinha treinamento às cinco horas da manhã, cinco e meia da manhã, ir para aula, voltar treinar de tardezinha, é um desgaste físico e mental muito grande. Eu disse para ele: “200 metros não vai dar, porque o treinamento você sabe como é”. Ele disse: “Não, vamos adaptar o treinamento para tu se dedicar para ver se tu consegues o índice para o 100 metros peito”. E aconteceu! Nós treinamos muito

lá na escolhinha dele, era uma piscina de 20 metros, ele não estava ligado ao União, e eu acabei ficando com ele, nós conseguimos depois que o IPA, o Instituto Porto Alegre, nos cedesse uma raia para treinamento. Claro que os contatos do Mauri foram fundamentais nisso. Então a gente treinava uma parte na piscina dele de 20 metros e uma parte em uma piscina de 25 metros ali no IPA. Foi essa composição de coisas e acabei conseguindo o índice e acabei conseguindo ir para olimpíada também.

C.M. - E como foram as competições em si, em Montreal e em Moscou?

S.R. - As competições foram aquilo dentro da expectativa que a gente já tem, todo mundo quer ser campeão olímpico, mas a gente tem que ter uma realidade do que se pode fazer e onde se pode chegar. Eu já tive o 4º melhor tempo do mundo, e isso era antes da Olimpíada de Montreal, então, no *ranking* antes da Olimpíada, eu era o 4º melhor tempo do mundo, só que eu tinha feito esse tempo um pouco antes da Olimpíada. Enquanto os outros estavam treinando eu acabei por motivos dando um tempo excepcional e chegando lá na Olimpíada fui o 10º colocado, ou 11º, alguma coisa assim. Mas eu nunca tive sonho, nunca acreditei que eu teria um resultado, apesar de ser o quarto melhor tempo do mundo eu sabia que tinha feito, tinha dado um tempo muito bom antes da hora, o que acontece, a gente sabe disse. Então imaginei que os outros estavam se preparando para dar seu melhor tempo lá adiante e foi o que aconteceu, mas sem nenhuma decepção, então, em Montreal eu fiquei nisso aí, em Moscou nós ficamos em 8º lugar no revezamento, 4x100, quatro estilos.

C.M. - Você sentiu alguma diferença por estar aqui no sul e ter atletas do Rio de Janeiro e São Paulo?

S.R. - Sim! Como eu disse antes nós estamos falando de quarenta anos atrás, trinta e cinco anos atrás, quase quarenta mesmo. Então é muito diferente, hoje o esporte é profissional a implicação pessoal é muito grande, envolve dinheiro, coisas que não envolviam naquela época. O que era diferente? Naquela época nós tínhamos só uma piscina que era aquecida, lá na década de 1970, só a piscina do Grêmio Náutico União. Era de 25 metros e era aquecida, não existiam outras. O Mauri treinava em uma piscina gelada no inverno, lá no Gaúcho, Grêmio Náutico Gaúcho, ele deve ter falado isso aí. Mas eu tive sorte, onde era



uma piscina pequena de 25 metros, onde tinha toda uma equipe, não era um treinamento individualizado, logo adiante apareceram outras piscinas que a gente pode treinar. E no Rio de Janeiro não tinha esse problema, digamos que no Rio de Janeiro era onde estavam os melhores atletas da época, mais do que em São Paulo, até eles tinham condições, piscinas dedicadas para o treinamento que a gente não tinha aqui. Então nós disputávamos raias para treinamento junto com banhistas, então a gente estava nadando e passa uma criança na frente. Então as condições não eram as ideais, mas eram as da época, era o que tinha. E ficar afastado, acho que fica, porque o nível de treinamento é diferente, então se pudesse estar fora, junto com uma equipe dedicada com o treinamento com raias dedicadas, com uma piscina dedicada para isso, como os americanos já tinham a anos, aí talvez fosse diferente, mas era o que a gente tinha e a gente estava feliz com isso.

C.M. - E nos Jogos Olímpicos, nas duas edições, como eram as instalações, tanto quando a alimentação até a hospedagem?

S.R. - Eram excelentes, excepcionais, conforto, comida de sobra, de todos os tipos, e não tenho nada a falar negativamente, que eu me lembro. Só foi coisa muito boa, só foi uma coisa diferente nos jogos que eu participei em Montreal em 1976. Porque estava vindo de uma Olimpíada de Munique que teve um massacre, israelense, então, a segurança em Montreal foi muito grande. Então tinha que se passar por várias etapas de revistas para ver se não estava carregando armas, tinha que passar por raio-x, para poder entrar na Vila Olímpica e em todas áreas de esportes. A segurança foi muito grande. Toda vez que saía um ônibus, um grupo de pessoas para participar de um esporte, tinha batedores de polícia para tudo quanto é lado. Então isso suja a imagem do esporte, mas não atrapalhou. Nós tínhamos liberdade para poder sair da vila olímpica e fazer o que quiser. Em Moscou, quatro anos depois foi um pouquinho diferente porque teve o primeiro boicote contra os países da Cortina de Ferro, até porque foi em Moscou, e aí os países aliados aos Estados Unidos não participaram, faltou muita gente boa, com qualificação para participar dos Jogos. Então os jogos perderam um pouco do seu brilho, que era a origem da Olimpíada que sejam os melhores, seja mundial e seja uma confraternização. Lá não houve isso pelo boicote, então lá foi diferente do que teve em Montreal muito mais festa e confraternização, em Moscou não teve muito disso não, pequenas diferenças assim.

C.M. - Tinha uma equipe te acompanhando como atleta, técnico, treinadores?

S.R. - Não. Esse também era um problema, como eu era aqui do sul, era um dos poucos fora do eixo Rio-São Paulo, então, eu tinha uma vida com meu técnico aqui, com Mauri que eu falo sempre, eu tinha uma vida com ele no dia-a-dia, de seis horas por dia. Eu sabia se ele estava de bom humor, mau humor e ele sabia se eu estava bem ou se estava mal. Então nós tínhamos uma sinergia muito grande e na competição mudava tudo. Porque eu ia com outro técnico, que era um técnico carioca, do Rio de Janeiro ou de São Paulo, com estilos diferentes, treinamentos diferentes, então a gente antes das grandes competições olímpicas, as olimpíadas que são grandes competições, tínhamos que passar um período por lá. Aí muda tudo, talvez esse seja um dos problemas dos resultados não terem sido os melhores. Foram os melhores possíveis, porque se prepara aqui, vai um mês antes e muda todo o treinamento, muda tudo. Os resultados têm uma diferença muito grande. Hoje em dia as pessoas de uma equipe treinam todos juntos, é mesma coisa que pegar um jogador de vôlei, o Renan<sup>4</sup>, ele que é o meu conterrâneo, treinava mais aqui em Porto Alegre e chegava lá e tinha que se adequar a um time inteiro. A natação é quase isso, mas hoje em dia não tem mais isso, quem está na equipe brasileira vai treinar com o grupo independente do esporte, porque é profissão dos atletas hoje em dia.

C.M. - Teve alguma coisa negativa dessas duas experiências nos Jogos?

S.R. - Não tem, como já falei em Montreal tinha segurança exagerada, e Moscou teve o primeiro boicote, e depois o segundo boicote foi em Los Angeles 1984, daí o boicote foi ao contrário. Se perdeu muito brilho em 1980 da confraternização, que é um ponto alto, um dos objetivos do esporte é a confraternização, se perdeu muito disso, acho que é o ponto negativo maior nos jogos. Em termos de natação geral não teve negativo, tudo é positivo,

C.M. - Após o retorno das Olimpíadas você sentiu o reconhecimento aqui por ter participado dos Jogos Olímpicos?

---

<sup>4</sup> Renan Dal Zotto.

S.R. - Eu sempre tive reconhecimento das pessoas próximas e isso nunca mudou, porque o esporte era amador, isso nunca mudou minha vida. Eu sempre tive reconhecimento da minha família, dos meus amigos, pessoas diretas, mas isso nunca teve nenhum impacto na minha profissão. Ninguém vem em meu consultório hoje porque eu sou nadador olímpico. Ninguém me pergunta isso, e era época diferente e também pelos resultados obtidos. Talvez se eu tivesse sido campeão olímpico, talvez mudasse, que é justo até, que um campeão olímpico, medalhista olímpico tenha uma valorização diferente, mas nunca me faltou apoio, sempre fui bem valorizado por quem eu acho que tivesse que ser valorizado.

C.M. - E para a natação aqui no Rio Grande do Sul, tu acha que essa sua participação incentivou o esporte?

S.R. - Eu acho que sim, bem ou mal, nós acabamos sendo modelos de alguma coisa. Eu tive grandes conquistas, fui campeão brasileiro por mais de 10 anos, campeão sul-americano por mais um bom tempo, recordista sul-americano, fui recordista sul-americano por quase 20 anos, recordista brasileiro até pouco tempo.

C.M. - 2005?

S.R. - Acho que sim, gaúcho até pouco tempo, e o tempo vai passando. Então eu acho que nós somos modelos, sempre tentamos fazer um trabalho sério, adequado. *Doping* não existia na minha época, durante a minha época apareceu nas nadadoras alemãs orientais da época, mas nós nunca tivemos felizmente exposição a isso. Tínhamos o De Rose<sup>5</sup> aqui, que na época também foi o nosso mestre e grande amigo, que sempre nos mostrava: “Olha, aqui o que a gente está encontrando...”. Eu sempre convivi muito com ele, ele dizia que estavam detectando algumas substâncias: “A gente sabe que eles estão dopados e sabemos o que é”. E eles estão sempre atrás dessas bruxas que são verdadeiras. Então eu acho assim, sim! Acho que fomos modelos de seriedade, dedicação. Imagina o Mauri que treinava no gelo, no frio, então mais modelo ainda.

C.M. - E você disse que parou em 1980, porque parou?

---

<sup>5</sup> Eduardo Henrique De Rose.

S.R. - Bom, realmente a gente cansa... É muita dedicação e hoje em dia é uma profissão, na época não era. Nunca pensei que eu fosse ser nadador profissional, porque não existia essa oportunidade. Eu tinha vinte anos e eu queria ser médico, eu já estava na faculdade. Eu estava no segundo ano da faculdade, ai eu digo eu tenho que me dedicar um pouquinho mais para a medicina, e foi o que aconteceu, eu estava cansado, não teria futuro e eu queria ser médico, a decisão foi muito fácil.

C.M. - Sérgio, tem mais alguma coisa que a gente não perguntou, que você gostaria de registrar sobre essa sua trajetória no esporte?

S.R. - Não, até cumprimento o grupo, isso pouco aconteceu. Poucas vezes, eu tive oportunidade de falar sobre a minha vida desportista, foi até bom ver uma pessoa jovem como tu e teu grupo querer resgatar de alguma forma isso, é importante, a história viva é mais importante ainda. É muito fácil a gente depois que desaparece querer fazer uma homenagem ou resgatar a história, depois não adianta. Então acho que agora está muito bem colocado e eu agradeço a oportunidade.

C.M.- Ok muitíssimo obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]